

Líderes no Senado já advogam negociações

11 MAR 1981

BRASILIA — Os novos líderes do Governo e do PMDB no Senado, Nilo Coelho e Marcos Freire, propuseram ontem o diálogo e a negociação entre os partidos, como caminho para solução da crise brasileira. Mas, não obstante esse ponto comum, o discurso do representante do PDS se caracterizou — ao contrário do de Freire — pelo tom sereno e otimista, que, na opinião de alguns oposicionistas, serviu para “quebrar arestas”.

Marcos Freire foi mais contundente e, além de atribuir ao Governo a culpa pela crise nacional, advertiu que, aceitando o diálogo e a negociação, como parte integrante da vida democrática, jamais admitirá que “uma das partes traga sob os seus dólmãs, as cartuchelhas e chelas”, numa alusão ao recente episódio registrado na Espanha, com a invasão do Parlamento pelo grupo comandado pelo coronel Tejero Molina.

Enquanto Nilo Coelho prometeu empenhar-se para a dignidade e o fortalecimento do Poder Legislativo, apontando as suas prerrogativas como “pressupostos de independência, que deve ser buscada pela harmonia e a colaboração recíproca e jamais pela contestação ou pela confrontação”, Marcos Freire, mais duro, declarou que “será crime de lesa-pátria ignorar a dramaticidade da situação brasileira”, a seu ver de natureza econômica. Assinalou o líder oposicionista que, no ponto em que chegamos, “pela ação ou pela omissão do Governo, a crise tem que ser enfrentada pela própria sociedade brasileira”. Para ele, a Constituinte é a condição necessária para que o País saia da crise.

Ao se declarar “aberto ao diálogo

go e à negociação com representantes dos diversos partidos políticos, o líder governista dirigiu um convite para que todos se coloquem dentro de uma perspectiva ampla, “que possa conduzir a uma indentificação objetiva da realidade e a uma justa apreciação dos acontecimentos”.

Nilo Coelho acha que tal perspectiva, necessária ao político, “não se pode restringir a particularidades de qualquer espécie, requerendo uma segura intuição histórica e uma vasta e compreensiva visão dos problemas que nos afetam, tanto no plano interno quanto no externo”.

Referiu-se à crise mundial e às mutações políticas, econômicas e sócio-culturais da atualidade, que, no seu entender, representam um fator de desorganização da sociedade, transformando-se frequentemente numa ameaça à Justiça, à Paz, ao Direito e à Liberdade.

O novo líder lembrou depois que não se pode deixar de ter sempre em vista, “no esforço de solução dos nossos problemas, a perspectiva do quadro formado pelos fenômenos naturais que assolam muitas regiões do mundo”. Citou a crise energética como um dos grandes problemas da atualidade, para observar, a seguir, que, nesse contexto, os políticos devem desenvolver, “com clarividência, uma ação consciente, sensata, objetiva e eficaz”.

O esforço brasileiro, que leve o País a não apenas conviver com as dificuldades do mundo atual, mas a superá-las, deve, segundo o líder da maioria, conduzir-se dentro de um entendimento e ao lado de um trabalho constante, “que exige a compreensão e a participação de todos os cidadãos”.